

Ligações estreitas

Acusado de grilagem tinha trânsito livre com líderes da Frente Brasília Popular

GERMANO TEVE DE TROCAR NOME DE SUA EMPRESA PARA FAZER NEGÓCIOS COM GOVERNO DO PT

O ex-militante do PDT Germano Carlos Alexandre, acusado de grilagem e um dos articuladores da candidatura de Cristovam Buarque ao Palácio do Buriti entre os "corretores" de condomínios, tinha laços estreitos com os partidos que formaram a Frente Brasília Popular, sobretudo com o PT e com o PSB. Era visto com o então deputado federal Chico Vigilante, ex-presidente do partido, em conversas que demonstrava, a quem os via à distância, uma sólida amizade. Vigilante, braço direito de Buarque, alega, porém, que não se lembra de Germano.

Germano visitava obras ao lado do então secretário de Indústria e Comércio, Tom Rebelló, que assumiu o cargo em fevereiro de 1996. Em seu depoimento à corregedoria de Polícia Civil, Germano afirma que já em 1994 realizava reuniões para arrecadar fundos para a campanha eleitoral de Buarque.

A intimidade com o governo o levou a se definir como o principal "concessionário da corrupção de loteamento no DF". E afirma: "Ninguém iria ao céu se não por mim". Ele era dono da empresa Integração Soluções

Comunitárias e Empresariais Ltda, especializada em assessorias na área de condomínios. A empresa ocupava quatro salas do bloco B da CLN 310. Ainda de acordo com seu depoimento, ele realizou negócios para o fornecimento de galpões para a então Secretaria de Indústria e Comércio.

A empresa original de Germano, a Business Assessoria e Planejamento Empresarial Ltda, teve de modificar seu nome fantasia para adequar-se à ideologia política do governo da época, segundo contou Germano no depoimento. Mudou de nome, passando a se chamar Integração, e chegou a patrocinar evento



GRILAGEM
EM BRASÍLIA

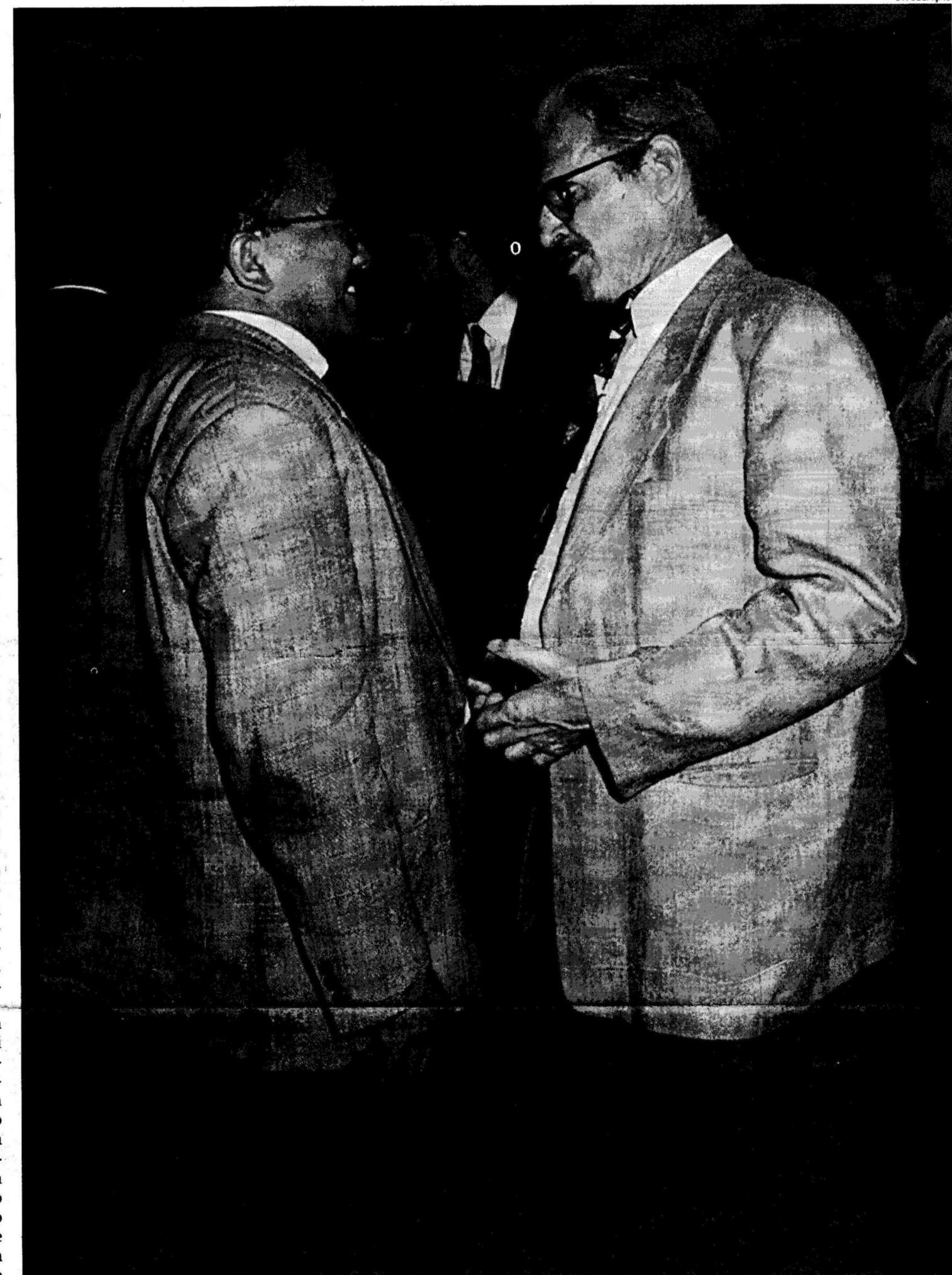
apoiado pela então Secretaria do Entorno, comandada por James Lewis, do PSB.

Germano afirma que estabeleceu um relacionamento tão estreito com o então deputado distrital Geraldo Magela (PT) que chegou a freqüentar reuniões para tratar de questões políticas da Câmara Legislativa. No caso, um almoço no restaurante Dom Romano, na 203 Norte, do qual, além de Magela, participaram os deputados Rodrigo Rollemberg (PSB) e Maria José Maninha (PT). Assunto: decidir quais "loteadores teriam tratamento especial por parte da CPI (da grilagem)".

O deputado Geraldo Magela, que era presidente da Câmara Legislativa, conta que não esteve nesta reunião e que também não poderia discutir assuntos da CPI por não participar dela. A deputada Maninha também nega a realização do almoço e afirma que vai interpellar Germano judicialmente para que ele prove esse encontro no restaurante. Os dois deputados afirmam que tiveram conhecimento da atuação de Germano Carlos Alexandre em lotamentos no Distrito Federal após iniciada a CPI da Grilagem. O ex-militante do PDT, entretanto, afirma que um dos assessores do deputado, o advogado Antônio Fernando Terra Rios da Silveira, chegou a morar, em 1995, em uma de suas propriedades — a chácara Cavaento, que fica na QNS 38, no Setor de Mansões de Sobradinho.

Fernando Rios, como era conhecido o advogado, foi nomeado para o cargo de assistente especial de Fiscalização e Controle da Câmara Legislativa, em 31 de agosto de 1995. O deputado Magela afirma que só tomou conhecimento de que ele morava em uma casa de Germano dois anos depois. "Quando fiquei sabendo, dei prazo de 15 dias para ele desocupar a casa", disse. O advogado não deixou a residência e, segundo Magela, foi demitido do cargo.

Germano era freqüentador habitual de algumas cerimônias realizadas pelo Governo do Distrito Federal, à época em que Buarque ocu-



CHICO Vigilante e Germano Carlos Alexandre: ex-deputado diz que não se lembra do acusado de parcelamento irregular

pava o Palácio do Buriti. Em uma delas, no lançamento do Núcleo dos Empresários que apoiava Buarque, o ex-militante do PDT foi fotografado conversando com o então de-

putado federal Chico Vigilante. Vigilante afirma que não tinha qualquer envolvimento com Germano. Segundo ele, mais de cem empresários compareceram ao evento. "A

porta era aberta e entrou quem quis", resumiu.

O Jornal de Brasília tentou vários contatos com o deputado Rodrigo Rollemberg. Foi novamente pedido, por

meio da secretaria eletrônica de seu aparelho, que o deputado entrasse em contato com a Redação, mas até o fechamento desta edição não houve resposta.